

**A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A DESUMANIZAÇÃO FEMININA EM
HERDEIRAS DO MAR (2018), DE MARY LYNN BRACHT**

**GENDER VIOLENCE AND FEMALE DEHUMANIZATION IN WHITE
CHRYSANTHEMUM (2018), BY MARY LYNN BRACHT**

Elis Regina Fernandes Alves¹

Danielle Fabrício dos Santos²

Sara Almieira da Rocha³

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht, focando na personagem feminina Hana e sua condição como uma *mulher de conforto*. Ao tratar dos papéis de gênero, sua violência e a condição das mulheres coreanas, foram utilizados autores como Beauvoir (2019a, 2019b), Okamoto (2013), entre outros. Em seguida, utilizou-se Showalter (2014), para relacionar a obra às fases da escrita de autoria feminina. A pesquisa ainda analisou o simbolismo do mar na obra, baseando-se em Chevalier (2001). Por fim, verificou-se a desumanização de personagens que se assemelhem à figura da prostituta dentro dos moldes literários.

Palavras-chave: mulheres de conforto, violência de gênero, *Herdeiras do Mar*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the work *White Chrysanthemum*, by Mary Lynn Bracht, focusing on the female character Hana and her condition as a *comfort woman*. When dealing with gender roles, violence and the condition of Korean women, authors such as Beauvoir (2019a, 2019b), Okamoto (2013), among others, were used. Then, Showalter (2014) was used to relate the work to certain phases of female writing. The research also analyzed the symbolism of the sea in the work, based on Chevalier (2001). Finally, it was verified there was the dehumanization of characters that resemble the figure of the prostitute within literary molds.

Keywords: comfort women, gender violence, *White Chrysanthemum*.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. E-mail: elisregi@ufam.edu.br

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM. E-mail: danifabricio98@gmail.com

³ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, UFAM. E-mail: saraalmieira2@gmail.com

Introdução

Segundo Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2019b, p. 11). Em nossa perspectiva, não é o fator biológico que determina a posição das mulheres, mas sim a sociedade que define como serão inseridas no mundo. Devido ao seu gênero, as mulheres são exploradas pelo patriarcado, principalmente por meio da violência, seja física ou psicológica.

O homem pode sofrer a violência de maneira brutal, por meio da agressão física, mas a mulher, na maioria dos casos, pode sofrer, também, a violência sexual (SAFFIOTI, 2015). Tal fato é nítido ao analisar a situação das *mulheres de conforto*: as jovens mulheres, em sua maioria coreanas, que foram forçadas à escravidão sexual pelos soldados japoneses durante o período da ocupação colonial japonesa e na Segunda Guerra Mundial (OKAMOTO, 2013).

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Herdeiras do Mar*, publicada em 2018, de Mary Lynn Bracht, com foco na protagonista Hana, uma garota coreana de 16 anos que é levada de seu lar na Coreia e forçada a se tornar uma *mulher de conforto* durante a Segunda Guerra Mundial, na Manchúria, em uma das bases do império japonês. Hana é uma mergulhadora *haenyeo*, da Ilha de Jeju, cuja família vive da coleta marítima e da pesca. Este é o romance de estreia de Bracht, que aborda temas que vão desde o colonialismo, a violência de gênero, o trauma, entre outros assuntos que perpassam esse triste capítulo da história coreana.

Mary Lynn Bracht, a autora da obra, nasceu na Alemanha, mas cresceu em uma comunidade de imigrantes sul-coreanos nos Estados Unidos e atualmente mora em Londres, onde também terminou seu mestrado em escrita criativa, na Birkbeck College da Universidade de Londres. Inspirada por nomes como Toni Morrison, Kyung-Sook Shin, Annie Proulx e Chimamanda Ngozi Adichie, Bracht aborda em seu romance de estreia, *Herdeiras do Mar*, publicado em 2018, a condição da mulher coreana até os dias atuais, assim como também utiliza sua voz para trazer à tona o sofrimento do povo coreano em meio aos horrores da Segunda Guerra Mundial. (Biografia de Mary Lynn Bracht, 2020, online). Entretanto, apesar de ter ascendência sul-coreana, a escritora não possui relação com as *mulheres de conforto* ou com as mergulhadoras *haenyeo*, desta forma, entende-se que a autora se baseou mais em uma consciência feminina voltada às personagens femininas do que em uma tentativa de explorar as experiências femininas

vividas, algo já feito por outras escritoras, anteriormente, como analisou Elaine Showalter em *A literature of their own* (2014).

Em um primeiro momento, busca-se levantar os papéis sociais das mulheres em sociedades patriarcais de maneira geral, falando dos moldes ocidentais, para em seguida fazer uma comparação aos moldes orientais e aprofundamento na situação das mulheres coreanas durante o período da Segunda Guerra Mundial, utilizando autores como Lerner (2019), Okamoto (2013) e Azenha (2017). Também há uma tentativa de fazer uma relação entre a figura da prostituta e a figura das *mulheres de conforto*, que não são iguais, mas se assemelham em certos aspectos, buscando mostrar como a violência sexual sempre é a primeira arma a ser utilizada contra as mulheres, utilizando autores como Beauvoir (2019a, 2019b), Bourdieu (2010), Perrot (2019), entre outros autores. Em um segundo momento, utilizo principalmente Elaine Showalter (2014) para fazer as devidas conexões literárias, mostrando como esta obra figura personagens que oscilam dentro do que a autora chamaria de *fases* da escrita de autoria feminina: Feminina, Feminista e Fêmea.

As mulheres de conforto e suas condições na sociedade coreana patriarcal

Sabe-se que as mulheres precisam lidar constantemente com as exigências patriarcais acerca dos papéis que devem exercer na sociedade. O patriarcado, sistema que se baseia em uma suposta superioridade do homem sobre a mulher, que sobrevive da dominação e exploração das mulheres, encontra-se enraizado em nossa sociedade há muito tempo. Buscando traçar as origens históricas desse sistema opressor, Lerner (2019) entende que sistemas em que as mulheres se encontram em desvantagem, tal qual o patriarcado, vem subordinando as mulheres há milênios, sem marcar uma data exata.

Conforme a passagem dos séculos, as exigências patriarcais sobre as mulheres vêm evoluindo e mudando gradativamente. Em um contexto do século XIX, sabe-se que as mulheres brancas e ocidentais não possuíam muitos direitos referentes ao casamento, divórcio, maternidade etc. A mulher era confinada ao lar, ao cuidado da casa e dos filhos. Pode-se dizer que, no ocidente, as mulheres passaram a conquistar mais direitos nos séculos XIX e XX, como o direito ao trabalho remunerado, que impactou a

organização social pré-estabelecida, no sentido das famílias tradicionais, nas quais as mulheres cuidavam da casa e os homens sustentavam a família (BEAUVOIR, 2019a).

Tratando-se dos papéis de gênero relegados às mulheres, geralmente relacionados às obrigações familiares, a pressão para o casamento e para a maternidade podem ser consideradas as exigências de maior peso na sociedade patriarcal. Junto ao matrimônio, entendia-se a obrigação das mulheres de servir sexualmente ao marido, assim como o dever de gerar filhos, de preferência homens, para a continuidade da família, da linhagem do marido (BEAUVOIR, 2019b). Entende-se que no casamento, as mulheres eram subordinadas aos maridos, devido ao fato de, socialmente, serem consideradas o elo frágil, com base no fator biológico, no sexo, que deve, portanto, ser dominado pelo mais forte, como aponta Bourdieu:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social (2010, p. 18-20).

Bourdieu aponta como a percepção dos sujeitos é afetada por essa divisão sexual construída com base na dominação masculina, de forma que, de maneira geral, dificilmente haja contestações acerca das posições hierárquicas entre homens e mulheres, consideradas como o natural na sociedade patriarcal. Estes aspectos da sociedade patriarcal se fazem presentes tanto no ocidente quanto no oriente, ainda que não de maneira idêntica. Ao analisar a condição das mulheres coreanas, é notável como os papéis de gênero também eram estritamente delimitados na Coreia, uma vez que o país foi fortemente influenciado pelo confucionismo chinês. De acordo com Azenha (2017), abordando o período do século XX, a educação de uma mulher tradicional baseava-se, basicamente, no respeito à família, na lealdade política e em conduzir-se de maneira virtuosa. Entendia-se que a virtude da mulher fosse sua pureza, logo, manter a virgindade para o marido é se manter uma mulher virtuosa pelos preceitos patriarcais.

Analisando a condição feminina durante o período do colonialismo japonês, observa-se que as mulheres coreanas eram vistas não apenas como inferiores aos homens coreanos, mas também como inferiores aos japoneses, fossem homens ou

mulheres, possuíam uma posição de subalternidade ainda maior em comparação aos japoneses (OKAMOTO, 2013). Também voltadas aos seus lares e ao casamento, inicialmente, encontraram novas oportunidades de sair do lar em busca de empregos para apoiar suas famílias durante a Segunda Guerra Mundial, porém se depararam com a dura realidade do assédio e da escravidão sexual, como aponta Azenha:

[...] centenas de milhares de coreanos eram obrigados a ir trabalhar e lutar em países estrangeiros ocupados pelo Japão (cf. Palmer, 2013); nesta leva, iam também, e frequentemente de forma involuntária, mulheres coreanas para se juntarem às redes de prostituição (cf. Ruoff, 2010). (2017, p. 31).

É nítido como a violência se faz presente na vida das mulheres, em uma grande maioria dos casos, de forma sexual. Normalmente, as mulheres não possuem poder social ou simbólico o suficiente para resistir à dominação masculina, são consideradas objetos a serem conquistados, sendo a violência sexual a primeira das violências a serem cometidas. Isto fica ainda mais claro à luz do conhecimento da situação das *mulheres de conforto*, eufemismo cunhado para nomear as jovens mulheres, em sua grande maioria, coreanas, que foram sequestradas, enganadas e forçadas a se tornarem escravas sexuais dos soldados japoneses (OKAMOTO, 2013).

Analisando a obra *Herdeiras do Mar* e sua protagonista Hana, percebe-se que Hana e sua família não dependiam de empregos ou de um salário, já que tiravam todo o seu sustento do mar, pois seu pai era pescador e sua mãe era uma *haenyeo*, mergulhadora que vivia do fruto de sua coleta no mar, passando a tradição de mãe para filha. Ainda assim, para proteger sua irmã, Hana é levada para uma *estação de conforto* (bordel) na Manchúria por um soldado japonês. Forçada à escravidão sexual, Hana já não é vista sequer como um ser humano, como se observa no trecho:

Seu rosto encara soldados visitantes que farão fila em frente à porta 2, caso escolham passar seu tempo designado com ela. Soldados alistados têm direito a trinta minutos sozinhos com ela, e oficiais têm uma hora. Ela é como um item num cardápio, analisado, comprado e consumido (BRACHT, 2020, p. 115).

Essa objetificação do corpo feminino é de praxe, principalmente sob o pretexto da ocupação colonial em que a narrativa de Hana se passa, em 1943. As mulheres já são vistas, naturalmente, de acordo com os moldes patriarcais, como inferiores aos homens, e essa suposta inferioridade é multiplicada ao comparar as mulheres coreanas aos

soldados japoneses, considerando-se a inferioridade atribuída ao povo subjugado. Em uma sociedade que valorizava a virtude e castidade das mulheres, as jovens sabiam que não teriam o apoio de seus conterrâneos por terem sido desonradas de tal maneira, o que ocasionou a manutenção, por parte das sobreviventes, de um silêncio sobre seu rapto e estupros, que perdurou por mais de 50 anos (OKAMOTO, 2013).

Outra figura constantemente desumanizada, por parte de sociedades patriarcais, é a da prostituta, que divide opiniões até os dias atuais. Segundo Perrot: “Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. Corpo comprado, também, pelo viés da prostituição [...]” (2019, p. 76). Ainda que Hana não seja uma prostituta, pois isso implicaria a venda de seu corpo, de serviços sexuais em troca de dinheiro, ela é tratada como tal durante seu período no bordel. É possível fazer uma relação entre Hana, como uma *mulher de conforto* e a figura da prostituta, se considerarmos aqui que Hana é obrigada a servir os soldados sexualmente em troca de sua vida. Ainda que, de certa forma, a prostituta tenha, supostamente, escolhido esse caminho devido à necessidade e as *mulheres de conforto* tenham sido forçadas a essa posição, apenas o fato de que essas mulheres tenham escolhido sobreviver faz com que a sociedade patriarcal as julgue, pois cederam suas virtudes. Saffioti afirma: “As mulheres são treinadas para sentir culpa.” (2015, p.24). Ambas são desumanizadas, exploradas e muito dificilmente recebem apoio ou simpatia da sociedade patriarcal. Isto é notável na obra, quando Hana toma conhecimento de outras meninas que foram *mulheres de conforto* e conseguiram milagrosamente voltar para casa:

“Ela está com muitas doenças e enlouqueceu por causa dos estupros”, disse uma das mulheres, alcançando os ouvidos de Hana. [...] “O pai precisou escondê-la dentro de casa. Ela está selvagem agora... como um animal.” [...] “Ninguém vai aceitá-la agora, nem se ela conseguir melhorar. Pobre menina.” “Sim, pobre menina, e pobre pai. A vergonha irá persegui-lo até sua morte precoce.” “Um fardo tão pesado para ele.” (BRACHT, 2020, p. 37-38)

É importante notar a ironia contida no trecho, as pessoas se compadecem e têm mais simpatia pelo pai da moça, do que pela moça em si, que é desumanizada, foi estuprada e torturada física e psicologicamente. Essas pessoas acreditam que quem sofre mais é o pai, que tem de lidar com a vergonha que sua filha traz para a família por não ser mais casta. Não apenas isso, mas também se observa os comentários negativos sobre

a menina são feitos por mulheres. Sobre isso, Bourdieu (2010) cunhou o termo “dominação masculina”, para explicar que quando os ideais patriarcais já estão tão internalizados nos sujeitos, mesmo entre as mulheres, a presença física de um homem não é necessária para que o controle seja exercido. Ao tratar da figura da prostituta, Beauvoir afirma: “A prostituta é o bode expiatório; o homem liberta-se nela de sua turpitude e a renega.” (BEAUVOIR, 2019b, p. 363). Segundo Beauvoir (2019b), a sociedade patriarcal costuma tratar a prostituta como um “mal necessário” para oferecerem alívio sexual aos homens de maneira que as esposas e jovens mulheres não tenham de ser sacrificadas, mas essa mesma sociedade rejeita as prostitutas por representarem uma imoralidade, uma flagrante contradição do sistema patriarcal. Hana havia entendido que se voltasse para casa apenas levaria desgosto a sua família, e a sociedade coreana patriarcal não a apoiaria, como aponta Okamoto: “[...] as mulheres que perderam sua castidade são consideradas maculadas e tornam-se susceptíveis de serem condenadas ao ostracismo até mesmo por suas próprias famílias.” (OKAMOTO, 2013, p. 98).

Observa-se, também, a desumanização dessas mulheres não apenas na objetificação de seus corpos, mas também na tomada de seus nomes e identidades, aspectos somados aos efeitos da ocupação colonial japonesa, como se nota no trecho em que Hana acaba de chegar no bordel:

Está entalhada com o nome de uma flor escrito em letras japonesas e um número: Sakura (flor de cerejeira) – 2. As outras portas do andar também têm placas com nomes de flores ao lado. Ela passa por cada uma delas: Tsubaki (camélia) – 3, Hinata (girassol) – 4, Kiku (crisântemo) – 5, Ayame (íris) – 6, e Riko (jasmim) – 7. (BRACHT, 2020, p. 77)

A proibição dos nomes verdadeiros das *mulheres de conforto* se constitui como uma violência que vai além da violência sexual, é uma violência simbólica. Se o ato sexual é entendido como um ato de dominação por parte do homem, sendo uma amostra de poder (BOURDIEU, 2010), então a violência simbólica da perda das identidades se configura de maneira que a dominação vai além do corpo físico, tocando a percepção e consciência dessas mulheres. Neste processo, Hana passa a compreender que nunca mais será a mesma, começando pela perda de sua identidade, como se nota: “As placas são nomes. Agora Hana é Sakura.” (BRACHT, 2020, p.77).

A representação feminina na literatura e o mar como uma representação da vida

Sabe-se que, inicialmente, as mulheres foram excluídas dos espaços da literatura e seu cânone. Escritoras tinham de recorrer ao uso de pseudônimos masculinos para que fossem levadas a sério em suas obras. De acordo com Showalter (2014), ainda que já existissem várias escritoras datadas desde antes do século XVIII, aproximadamente, é somente no final do século XIX que algumas escritoras passaram a ser devidamente reconhecidas em seus trabalhos.

Showalter (2014) sistematizou em sua obra três momentos importantes da escrita de autoria feminina, sendo estes denominados como fase Feminina, fase Feminista e fase Fêmea. Passando por momentos distintos da trajetória da escrita de autoria feminina, temos a fase Feminina, por volta de 1840, em que constam as primeiras tentativas de mulheres de tornarem-se escritoras, mesmo sem apoio da sociedade. Neste período, as personagens femininas eram ainda muito estereotipadas, baseadas nos moldes de escritores homens, que figuravam as personagens femininas ainda como muito frágeis, sensíveis, sempre precisando da ajuda ou do afeto de um homem para seguir em frente.

Na fase Feminista, iniciando-se aproximadamente em 1880, há uma tentativa, por parte das escritoras, de escrever personagens femininas reais, não estereotipadas, que não se encaixavam nos padrões esperados da sociedade e questionavam temas como o casamento e a maternidade, entretanto, acabavam recaindo em alguns clichês em determinados momentos. Por fim, Showalter descreve a escrita da fase Fêmea, tendo início por volta de 1920, na qual a figuração feminina recebe grandes mudanças vindas com o modernismo e as personagens femininas agora se assemelham mais às mulheres reais, com seus problemas e anseios não estereotipados, além de muitas obras de autoria feminina passarem a discutir assuntos considerados tabus dentro do patriarcado, como o aborto, o adultério, o estupro etc. (SHOWALTER, 2014).

Pode-se dizer que a obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht apresenta as características da fase Fêmea, visto que figura uma protagonista jovem, de 16 anos, cuja história se passa na Coreia do Sul de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, abordando temas considerados tabus pelo público, como o estupro em massa das jovens coreanas que ocorreu neste período e a condição das mulheres coreanas em suas

sociedades. Hana, uma garota tão jovem, questiona a guerra e o sofrimento de seu povo durante toda a narrativa, mesmo depois de já ter aceitado que não conseguiria mais retornar à vida anterior, com seus pais, na Coreia, trabalhando como uma *haenyeo*.

Ao realizar um aprofundamento dos aspectos literários e simbólicos da obra, fica nítida a grande conexão de Hana com o mar durante toda a narrativa. Por ser uma mergulhadora, o mar aparece em diferentes momentos na consciência de Hana, como uma representação de seus sentimentos acerca dos acontecimentos. No início da narrativa, antes de seu sequestro, Hana tem o mar como um protetor de sua família, pois é dele que tiram seu sustento, o mar era sinônimo de liberdade, já que não deviam nada a ninguém, apenas ao mar. Nota-se que para Hana, o mar era também o seu lar, como se observa:

“Eu sou uma *haenyeo*”, ela diz, e o encara. As palavras correm por seus lábios como uma confissão. “Como minha mãe, e a sua mãe antes dela, como a minha irmã será um dia, e suas filhas também... Eu nunca fui nada além de uma mulher do mar. Nem você nem qualquer outro homem pode me transformar em menos do que isso.”. (BRACHT, 2020, p. 274).

Evidencia-se, na passagem, além da figuração simbólica do mar, a ideia de ancestralidade e herança femininas, já que a profissão de *haenyeo* é herdade somente entre as mulheres da família. Hana percebe que tal herança não pode ser tomada por um homem, em uma simbologia de que, embora tenha seu corpo tomado, sua consciência e sua ancestralidade não podem ser tiradas de si. Apesar de seus sentimentos positivos para com o mar, Hana sabe que este é inevitável e aterrador. Isto se concretiza já no momento de seu sequestro, no qual ela se encontrava fazendo sua coleta diária e chama a atenção de um soldado japonês para proteger sua irmã. O soldado chamado Morimoto encara este acontecimento como um presente do mar para ele, em sua percepção, Hana fora enviada a ele pelos mares.

Mais adiante, em seus momentos de tristeza e sofrimento profundos no bordel, o mar passa a figurar não mais um lugar de acalanto na mente de Hana, mas é mostrado como um lugar escuro e profundo, do qual ela não consegue emergir como antes, como se nota no trecho: “O peso em seu peito é uma velha âncora de navio que ela encontrou. [...] Morimoto é a âncora que a mantém lá embaixo.” (BRACHT, 2020, p. 172). Este momento evidencia como Hana sente-se sufocada e incapaz, impotente devido à sua

captura e subjugação. O fundo do mar, escuro e assustador, representa seus sentimentos negativos em relação à sua situação. Segundo Chevalier, em seu dicionário de símbolos, o mar é visto como:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (CHEVALIER, 2001, p. 592)

É visível, durante toda a narrativa, como o mar segue estes moldes para Hana, em um momento provê tudo, em outro lhe tira tudo. E para finalizar o seu ciclo, em sua última aparição na narrativa, a personagem se encontra novamente no mar, porém agora como uma mulher livre da escravidão sexual, ressignificando mais uma vez o mar para si, como é possível observar:

O chamado do mar a domina e o bloqueia de sua mente. Ela não sente nenhum constrangimento pela nudez, apenas um impulso em direção à água. [...] Corre para dentro do lago e arfa enquanto a água fria arranca o ar de seus pulmões. [...] Os instintos começam a fazer efeito e logo ela está mergulhando bem abaixo da superfície e desaparece nas profundezas sombrias. [...] Ela não está mais cansada. Em vez disso, sente-se leve com a ideia dessa nova vida. Altan é a luz que a chama de volta à superfície da água. (BRACHT, 2020, p. 289).

Ao fim de sua saga, após a fuga do bordel e de Morimoto, Hana é acolhida por uma família da Mongólia, encontrando para si uma promessa de uma nova vida, um recomeço. Ao se deparar com um lago, que já foi parte do mar um dia, Hana se sente novamente em casa, o mar é seu aliado mais uma vez, desta vez representando seu renascimento, após sua “morte”, a perda de sua identidade. Vale ressaltar também o contraponto que fica nítido entre o personagem Altan, parte da família que a acolhe, e o personagem Morimoto. Enquanto Morimoto era a âncora que a prendia no fundo do oceano, representando a escuridão em sua vida, Altan faz parte de sua nova vida como a luz que a puxa para cima novamente, a ajuda a se reerguer apenas ao tratá-la com gentileza, algo raro para Hana depois de todo o sofrimento. Pode-se dizer que a protagonista Hana oscila entre as fases Feminista e Fêmea de Showalter (2014), pois

ainda que indague seu lugar no mundo e não seja estereotipada, no fim acaba recaindo no clichê com a possibilidade de um amor romântico com Altan.

Outro ponto importante da narrativa é como a posição de Hana como *mulher de conforto* dentro da literatura vai se diferenciar aqui da posição da prostituta. Ressalta-se mais uma vez que Hana não era prostituta, e nem as *mulheres de conforto*, mas que é possível fazer esta relação entre estas figuras pela maneira como eram tratadas pela sociedade patriarcal. Em muitos romances do século XIX, por exemplo, a prostituta tinha a possibilidade de sair da prostituição e do pecado por meio do amor de um homem, passando um período de mudanças em sua vida e conduta, entretanto, essas personagens geralmente eram mortas durante ou ao fim da narrativa como forma de punição por seus pecados passados. Apenas na morte, o sacrifício final, essas mulheres poderiam ser perdoadas.

Um exemplo claro disso é a obra *Lucíola*, do autor brasileiro José de Alencar, na qual a protagonista Lucíola, mesmo após desistir de sua vida como prostituta, é morta ao fim da narrativa como uma forma de redenção. Entretanto, no romance aqui analisado, apesar da semelhança de suas condições, isto não acontece, tendo Hana um final até mesmo promissor para si. Isto acontece não apenas porque a literatura tem mudado bastante com o tempo, saindo de estereótipos passados para personagens mais reais, como Showalter (2014) explica, mas, também pelo fato de que, na contemporaneidade, as escritoras possuem uma nova consciência acerca de si mesmas, do papel esperado das mulheres na sociedade e na literatura, sobre a condição feminina de forma geral.

Por fim, claro, é o fator que difere a *mulher de conforto* da prostituta. As jovens foram forçadas a esse papel de escravizadas sexuais e passaram por diversos tipos de torturas e violências físicas e psicológicas, foram enganadas e sequestradas de seus lares. Compreende-se então que seria não apenas muito doloroso dar um final ainda mais trágico à personagem, como também se entende que a vida já puniu essas mulheres o suficiente. Assim, o final do romance, talvez um tanto romantizado, seja uma forma de a escritora, mulher, decidir dar a possibilidade de dignidade, mesmo que na ficção, a estas mulheres.

É importante ressaltar que, após o fim da narrativa, Bracht traz uma nota explicando o motivo de ter escolhido um final esperançoso para Hana: pelo fato de que

uma grande maioria dentre as jovens que sobreviveram não tiveram um final como o de Hana, mas sim, passaram praticamente todas as suas vidas isoladas pela sociedade e pela vergonha instaurada em si, como bem se sabe: “As sobreviventes eram forçadas a sofrer por seu passado em silêncio.” (BRACHT, 2020, p. 294). Desta forma, mesmo recaindo no clichê da possibilidade de um amor romântico no fim da narrativa, sendo apenas subentendido, é compreensível a escolha de Bracht de manter a esperança, ainda que improvável. Para a personagem, o foco de seu recomeço não é o amor romântico, mas sim a gentileza humana que tão raramente lhe foi oferecida em meio à guerra.

Conclusão

O artigo objetivou analisar a obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht, publicada em 2018, com foco na protagonista feminina Hana, levantando discussões acerca de sua condição como uma *mulher de conforto* durante o período da Segunda Guerra Mundial. Buscou-se analisar a posição destas mulheres na sociedade patriarcal e como estas foram violentadas e inferiorizadas como resultado da ocupação colonial japonesa e da guerra, trazendo consigo a violência sexual, que recaiu ainda mais forte sobre as jovens mulheres coreanas.

Ao fazer um paralelo da condição dessas mulheres com a condição das prostitutas, observou-se uma desumanização muito nítida sobre a personagem Hana, que é duplamente violentada pelos soldados japoneses, por ser uma mulher cumprindo “favores” sexuais e por ser coreana, considerada inferior, também, devido ao seu status de povo subjugado pela colonização japonesa. Em um contexto como o da guerra, a violência contra a mulher será sempre, primeiramente, a sexual, mostrando como o gênero determina de que maneira os sujeitos serão abordados socialmente.

Com o simbolismo do mar, entende-se que Hana morre socialmente ao ser violentada sexualmente, pois perde sua pureza sexual, considerada a maior virtude de uma mulher, perde seu nome e sua identidade, mas renasce após se libertar e se reconectar com o mar. O mar representa seus altos e baixos em sua jornada, sempre presente em sua consciência, reagindo às suas emoções, mas, apesar de tudo é o seu lar como uma *haenyeo*.

Esta obra figura uma protagonista feminina que lembra personagens como aquelas descritas por Showalter nas fases Feminista e Fêmea (SHOWALTER, 2014). A

caracterização de Hana instiga o leitor a pensar sobre a posição das mulheres na sociedade patriarcal e faz críticas ao conservadorismo presente ainda hoje. Todavia, ao fim da narrativa, fica subentendido que Hana possa encontrar esperança para seguir sua vida futuramente na figura de Altan, recaindo no clichê romântico. Apesar disso, a obra aborda o estupro e suas consequências, como também apresenta personagens reais durante toda a narrativa, longe de estereótipos femininos antigos, ainda que a narrativa de Hana ocorra durante o ano de 1943. Não apenas isso, como também recebe um final diferente, apropriado, até mesmo digno, considerando-se como os moldes literários passados tratavam personagens associadas à prostituição.

Compreende-se, dentro da obra, uma tentativa de compensar essa figura da *mulher de conforto* por todo o seu sofrimento e silêncio. Através da protagonista, a autora representa as *mulheres de conforto*, dá a elas um fim mais satisfatório do que tiveram realmente. Bracht (2020) traz a luz um assunto considerado tabu, que ainda não teve um desfecho adequado, devido ao fato de que o Japão ainda procura apagar esse passado vergonhoso de sua história. Por fim, conclui-se a relevância que a literatura e a escrita de autoria feminina apresentam na contemporaneidade, na medida em que se fazem instrumentos para o resgate de histórias e a quebra do silêncio imposto não só às mulheres, mas a outros povos que foram explorados pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado.

Referências

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. *O sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na Coreia do Sul (1905-2015)*. Lisboa, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Asiáticos) - FCH, UCP.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRACHT, Mary Lynn. *Herdeiras do Mar*. Tradução Júlia de Souza. 1 ed. – São Paulo: Paralela, 2020.

BRACHT, Mary Lynn. Entrevista: *Mary Lynn Bracht, autora de “Herdeiras do mar”*. Taglivros, 2020. Disponível em:

<https://www.taglivros.com/blog/entrevista-mary-lynn-bracht-tag-livros/>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

OKAMOTO, Julia Yuri. AS “MULHERES DE CONFORTO” DA GUERRA DO PACÍFICO. *Revista De Iniciação Científica Em Relações Internacionais*, v. 1, n. 1, p. 91–108, 2013.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado e violência*. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SHOWALTER, Elaine. *A Literature of their Own: British Women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton Up, 2014.

Recebido em: 30/01/2024

Aceito em; 28/03/2024